

Centésimo aniversário

Jaime Serra

22 Janeiro 1921

Destacado dirigente do PCP
Resistente antifascista



 **PCP**

Uma vida dedicada à luta pela liberdade, ao lado dos trabalhadores e do povo



- Nasceu a 22 de Janeiro de 1921, em Lisboa.
- Começou a trabalhar na construção civil, com apenas 12 anos, nas oficinas da CP do Barreiro.
- No 18 de Janeiro de 1934, participa na paralisação nas oficinas.
- Em 1936, com 15 anos, adere à Federação das Juventudes Comunistas Portuguesas.
- Adere ao PCP em 1937.
- Foi preso pela primeira vez com 16 anos.
- Muda de profissão - da construção civil passa para serralheiro civil.
- Em 1938 matricula-se no ensino nocturno na Escola Marquês de Pombal.
- Em 1939, na Empresa Construtora Moderna, trabalha como traçador naval.
- Em 1940 concorre para o Arsenal da Marinha, recém instalado no Alfeite, para onde entra em Agosto, continuando com a profissão de traçador naval até 1947.
- Cumpriu o serviço militar no Quartel de Artilharia Ligeira em Campolide nos anos 1942-1943.
- Em Novembro de 1943 casa com Laura dos Santos Correia, sua companheira de toda a vida.
- De 1945 a 1947 integra o organismo do PCP das Construções Navais de Lisboa, representando a célula do Arsenal da Marinha.
- Tem participação destacada na greve de 7 de Abril de 1947 das Construções Navais.
- Em Setembro de 1947, Jaime e Laura Serra passam à clandestinidade com a filha Maria Armanda. Na clandestinidade nascem Olga Maria, Ana Maria e José Manuel.
- De 1947 a 1949 foi membro do Comité Local de Lisboa.
- Em Março de 1949 é preso em Lisboa.
- Foge da Cadeia do Forte de Peniche a 3 de Novembro de 1950.
- Desenvolve tarefas na margem sul do Tejo mas por razões de segurança é transferido para o Porto.
- Em meados de 1951 vai trabalhar na organização das Beiras.
- Em meados de 1952 passa a integrar a Direcção Regional de Lisboa.
- É preso pela terceira vez no dia 27 de Dezembro de 1954.
- No Aljube tenta uma fuga que foi detectada na fase final.
- Foge da Cadeia de Caxias a 3 de Março de 1956.
- Participa na organização e realização do V Congresso do PCP em Setembro de 1957.
- É preso, pela quarta vez, no Porto, em 1958.
- Participa na fuga colectiva de Peniche a 3 de Janeiro de 1960.
- Foi membro do Comité Central durante 36 anos, desde 1952 a 1988, do Secretariado do CC de 1956 a 1958, da Comissão Executiva do CC de 1963 a 1970, da Comissão Política do CC alguns anos na clandestinidade e do 25 de Abril até 1988.
- De 1988 a 1996 foi membro da Comissão Central de Controlo e Quadros e posteriormente da Comissão Central de Controlo.
- De 1970 ao 25 de Abril foi membro do Comando Central da ARA - Acção Revolucionária Armada
- Foi deputado à Assembleia Constituinte pelo círculo eleitoral de Lisboa e à Assembleia da República de 1976 a 1980, pelo círculo eleitoral de Setúbal e em 1983, eleito pelo círculo eleitoral de Coimbra.



Jaime Serra com a sua companheira Laura Serra, filhos e netos



Jaime Serra com a sua companheira Laura Serra no encontro com os filhos, no seu regresso da União Soviética após o 25 de Abril de 1974



Jaime Serra no dia do exame da Primária

De operário ainda criança a militante comunista



Jaime Serra entra no mundo do trabalho ainda criança, aos 12 anos, como servente de pedreiro.

Vai trabalhar na construção das novas oficinas dos caminhos de ferro, no Barreiro.

As duras condições de trabalho e de estadia num barracão da obra, despertam-lhe a sua consciência de classe que perdurará para sempre.

É o período do ascenso do fascismo com a criação dos principais instrumentos de exploração e opressão – polícia política (PVDE – Polícia de Vigilância e Defesa do Estado, depois PIDE), partido único, Legião, e Estatuto do Trabalho Nacional, decalcado da Carta del Lavoro da Itália fascista de Mussolini.

É neste quadro que Jaime Serra, por ocasião do 18 de Janeiro de 1934 – primeira grande acção da classe operária contra a fascização dos sindicatos – tem “o baptismo de fogo” com a acção de massas em que participa.

Quando, nesse dia, a polícia vai prender um sindicalista da CP, as oficinas param.

Jaime Serra participa nessa paralisação e mobiliza com entusiasmo os seus companheiros para a manifestação que irá ter lugar.

Frequenta a biblioteca de «Os Penicheiros», colectividade do Barreiro, aprofundando o gosto pela leitura que o seu pai tinha incentivado.

É no Barreiro que começa a ler o “Avante!” e toma contacto com o Partido.



A Guerra de Espanha, a situação política e a formação profissional



Jaime Serra interessa-se por tudo o que se passa no mundo. É a época do ascenso do fascismo na Europa.

O primeiro confronto entre as forças democráticas e da paz e as forças fascistas e da guerra inicia-se a 18 de Julho de 1936, com o golpe fascista em Espanha.

Salazar apoia Franco e dá, em Portugal, inúmeras facilidades aos golpistas espanhóis.

Jaime Serra acompanha o conflito através do “Avante!” que expressa a solidariedade do PCP com a República espanhola.

A 8 de Setembro de 1936 presencia a repressão que se abateu sobre a Revolta dos Marinheiros. No seu local de trabalho ouviu o bombardeamento dos navios. Teve conhecimento dos mortos e feridos e, mais tarde, dos presos que de seguida foram transferidos para o Tarrafal.

Tais acontecimentos fortalecem a sua determinação de lutar pela liberdade e de pôr fim às injustiças e é no PCP, a que já estava ligado, que vai prosseguir a luta.



Em Janeiro de 1937 Jaime Serra é preso pela primeira vez.

Muda de profissão e matricula-se na Escola Marquês de Pombal, à noite, por influência de Alfredo Diniz (Alex).

Trabalha nas construções metálicas, como ajudante de traçador.

Quando a empresa se inicia no ramo da indústria naval, Jaime Serra participa nesse trabalho. Pouco depois concorre para o Arsenal da Marinha, sendo admitido em Agosto de 1940.



A vida na clandestinidade



Funcionário do PCP desde 1947, a sua vida clandestina prolongou-se até ao 25 de Abril, entrecortada por períodos na prisão.

Jaime Serra vai para a clandestinidade com Laura, sua mulher e camarada, e uma filha de dois anos. Prossegue, nestas novas condições, o trabalho de organização como membro do Comité Local de Lisboa.

Com a responsabilidade de vários sectores, tem como tarefa criar e consolidar células de empresa, aprofundar a ligação às massas e vencer resistências quanto ao objectivo de transformar os Sindicatos Nacionais em organizações defensoras dos interesses da classe operária.

É um tempo exigente e difícil, em que o fascismo se reforça com o apoio das chamadas “democracias ocidentais” e a PIDE prossegue uma violenta repressão contra o PCP e as estruturas unitárias do pós-guerra: MUD – Movimento de Unidade Democrática – e MUD juvenil.

Jaime Serra virá a ser preso no quadro da preparação da campanha eleitoral de Norton de Matos a Presidente da República, em Março de 1949, um mês antes de Portugal integrar o núcleo fundador da NATO.



Organizador do Partido



Peniche, Torreão da fuga de 1950 e Carta de Condução apreendida e fotografada pela PIDE

A partir da fuga de Novembro de 1950, de Peniche, Jaime Serra prossegue a sua acção de destacado organizador, nas difíceis condições das Beiras e posteriormente em Lisboa.

É de novo preso em 1954, sem que a sua casa seja localizada. Laura, então grávida, continua na clandestinidade com outras tarefas, com a dedicação que sempre pôs na actividade do Partido, nomeadamente na defesa das casas clandestinas e no trabalho de organização no sector têxtil.

Jaime Serra foge de Caxias em 1956 e vai ter a tarefa de participar na organização do V Congresso do PCP.

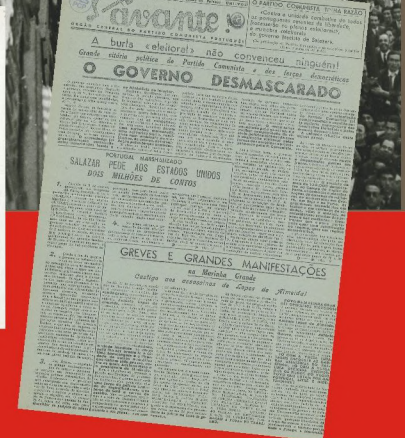
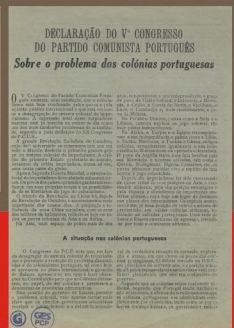
Jaime Serra intervém no Congresso, sob o pseudónimo de Freitas, sobre o problema colonial.

Neste Congresso é aprovada uma Declaração reconhecendo o direito dos povos das colónias portuguesas à imediata independência – decisão histórica que conduziu à solidariedade permanente do PCP com os movimentos de libertação de Angola (MPLA), Moçambique (FRELIMO), da Guiné-Bissau e de Cabo Verde (PAIGC) e de São Tomé e Príncipe (MLSTP).

As eleições para Presidente da República de 1958 desencadeiam um enorme entusiasmo entre as massas que expressam a enorme vontade de pôr fim ao fascismo. É memorável o acolhimento a Humberto Delgado no Porto e em Lisboa.

A burla eleitoral conduziu a greves e outras manifestações em muitas localidades.

A repressão foi brutal. Foram presos dezenas de quadros do PCP, entre os quais Jaime Serra.



Delegações ao estrangeiro e Missão Internacionalista



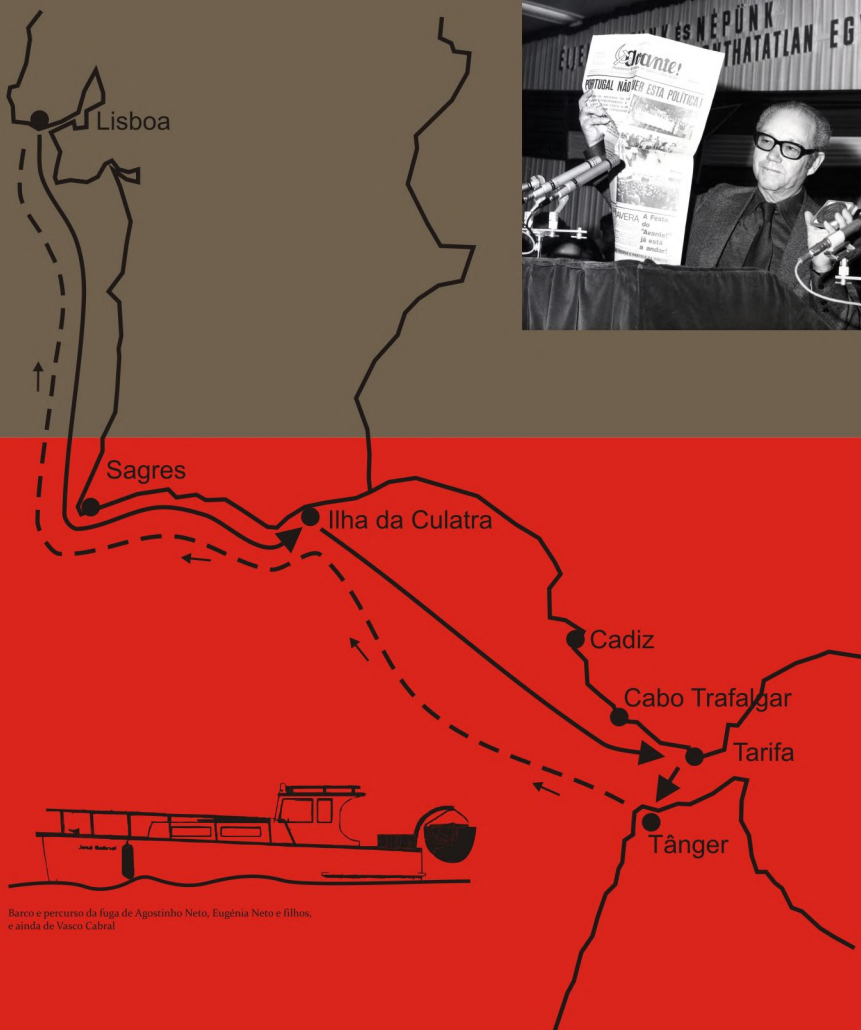
Na sequência do V Congresso, como membro do Secretariado então eleito, Jaime Serra dirigiu uma delegação à União Soviética e à República Popular da China.

A delegação participou em Moscovo nas comemorações do 40º aniversário da Revolução de Outubro e na Conferência de Partidos Comunistas e Operários que então se realizou.

Em Junho de 1962 tem particulares responsabilidades numa grande iniciativa internacionalista do PCP – a saída clandestina de Portugal de Agostinho Neto, sua mulher e filhos, assim como de Vasco Cabral. Num pequeno barco, de Pedrouços a Tânger, Jaime Serra acompanhou toda a viagem conduzida pelo oficial de Marinha José Nogueira.

Visita, com Blanqui Teixeira, em 1973, o Vietname libertado.

Após o 25 de Abril, Jaime Serra integrou várias delegações, no âmbito da actividade internacional do PCP.



Barco e percurso da fuga de Agostinho Neto, Eugénia Neto e filhos, e ainda de Vasco Cabral

Prisões e Fugas

– Coragem, Perspicácia, Audácia e Determinação



Jaime Serra foi preso quatro vezes e fugiu por três vezes.

Perante a polícia manteve sempre uma atitude firme, digna e corajosa.

Ser preso, para Jaime Serra, significava de imediato estudar as possibilidades de fuga para prosseguir a luta no exterior.

Preso aos 16 anos, numa rusga, teve a pouca sorte de ter um “Avante!” no bolso das calças.

Levado para a PSP disse “ter encontrado aquilo na rua”. Transferido para o Governo Civil, onde foi brutalmente espancado, mantém a mesma afirmação assim como na PVDE, sendo libertado.

A segunda prisão tem lugar quando já é funcionário do PCP, em 1949.

Incomunicável no Aljube, envia mensagens para o exterior escritas no interior das mangas das camisas.

Irá fugir de Peniche com Francisco Miguel no dia 3 de Novembro de 1950.

Será preso pela terceira vez, em 1954, num encontro de rua com Georgete Ferreira. Na PIDE recusa identificar-se e prestar declarações.



Incomunicável numa cela do Aljube prepara uma ardilosa fuga que falhou na fase final.

Transferido para Caxias vai fugir desta cadeia a 3 de Março de 1956, servindo-se duma chave cujo modelo da fechadura enviou para o exterior. Feita a chave, foi enviada para Jaime Serra no meio duma barra de sabão.

Sofre a quarta prisão em Dezembro de 1958.

Passado um ano e poucos dias participa na heroica fuga colectiva de Peniche, de dez dirigentes e destacados quadros do PCP, entre os quais Álvaro Cunhal, a 3 de Janeiro de 1960.

Fuga que constituiu uma estrondosa derrota para o fascismo e uma importante vitória para o PCP.

Esta fuga permitiu o reforço do trabalho de direcção, a correção de erros e desvios e repôr a orientação do levantamento nacional, como via para o derrubamento do fascismo.

DEPOIS DA FUGA DE PENICHE DOS DEZ VALOROSOS PATRIOTAS O SALAZARISMO INTENSIFICA A REPRESSÃO UNIDOS PARA FORÇAR O GOVERNO A REZUAR !

Como é lá conhecido em todo o país, no dia 3 de Janeiro evoluíram da Fôrta de Peniche dez patriotas, dirigentes e membros destacados do Partido Comunista Português: ALVARO CUNHAL, JAIME SERRA, JOAQUIM GOMES, FRANCISCO MIGUEL, GUILHERME DE CUNHAL, PEDRO SOARES, CARLOS COSTA, FRANCISCO RODRIGUES, ROGÉRIO DE CARVALHO e JOSÉ CARLOS.

Essa evasão foi uma importante vitória do Partido Comunista e de todas as forças de oposição ao regime sobre a política de repressão do salazarismo a todos os que defendam a Liberdade e o Progresso do País, de todo o povo português.

Ela deve-se ao espírito de abnegação dos interesses do povo desses bravos patriotas, devese ao auxílio que lhes foi prestado pelo seu Partido e pelo povo.

Essa grande vitória anti-salazarista foi um acontecimento nacional de enorme projecção em todo o país. Em pouco tempo o seu conhecimento espalhou-se por todo o país, enchendo de alegria a classe operária e as demais camadas da população, que comemoraram esta derrota das forças policiais fascistas com variados actos de confraternização, lançamento de foguetes, paralizações momentâneas de trabalho e manifestações de solidariedade moral e material aos valentes democratas que se evadiram.

Podem-se dizer que o ano de 1960 começou bem para todas as forças que se opõem ao regime de Salazar.

Qual foi a reacção deste? Instalado no poder contra a vontade dos portugueses, utilizou a repressão mais violenta possível sobre a Nação e o governo salazarista, esperando pelo profundo golpe que lhe foi aplicado, mobilizou todas as suas forças para lançar uma grande ofensiva de repressão, numa tentativa desesperada para recapturar os evadidos e para tentar atingir outros democratas.

Com a PIDE a comandar forças da GNR e da PSP, armadas de metalúrgicos, e até com o conceito de fuga do Exército, estão a ser locomodados milhares e milhares de portugueses em todo o país, com passadas de identificação, revistas minuciosas a todos os tipos de transporte, etc, etc.

Por não apresentarem bilhete de identidade têm sido presos até se identificarem devese de pessoas. Muitas habitações, no Alentejo, Trás-os-Montes, Estremadura, Alentejo, etc, têm sido assaltadas brutalmente por agentes da PIDE fortemente armados que procuram vasculhar por todos os cantos.

Nas prisões políticas ainda se tornam mais dura a situação dos presos e pelo mesmo os democratas Dr. Humberto Lopes e Borges Coelho que se encontravam presos em Peniche, foram transferidos para o Aljube de Lisboa e ali se encontram em completa incomunicabilidade.

Com toda esta onda de repressão o governo mais uma vez demonstra como se encontra isolado dos portugueses. Enquanto estes, evidenciando a sua simpatia pelo Partido Comunista e apoio ao salazarismo, defendem e aplaudiam os democratas que se evadiram, o governo lança a sua vaga repressiva que atinge a vida normal de todos os portugueses, mostrando claramente mais uma vez o carácter político do regime.

E as suas forças repressivas e novas vagas de repressão são gotejas muitas e muitos milhares de contos roubados ao trabalho do nosso povo.

PORTUGUESES E PORTUGUESES DE TODAS AS CRIANÇAS E TENDÊNCIAS!

Ante as dificuldades crescentes que o salazarismo está vivendo, ante esta recente vitória alcançada sobre o salazarismo que entusiasma toda a população, ante a injustificação do terrorismo salazarista, unimo-nos todos!

É tempo de que Portugal seja dos portugueses!

É tempo de que os portugueses vivam na sua Pátria em segurança, sem o risco constante de serem incomodados, de serem presos, de serem torturados pela polícia política de Salazar — a PIDE!

É tempo de que no nosso país se respeitem os direitos da honra e não se governe sobre a arbitrariedade e o terror!

PORTUGUESES E PORTUGUESES DE TODAS AS CRIANÇAS E TENDÊNCIAS!

Usamos todas as nossas forças para fazer frente a esta onda de repressão e fazer acabar o fascismo!

Aplicamos para que, pelas mais diversas formas, todo o povo ajude os comunistas e os restantes forças de oposição a defenderem-se da repressão fascista.

Lutemos contra o terror salazarista protestando junto das autoridades contra esta violação.

Lutemos contra as torturas aos presos políticos e o tratamento desumano que sofrem nas prisões.

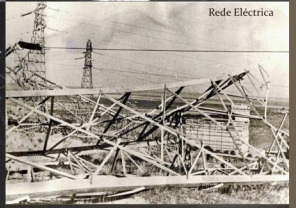
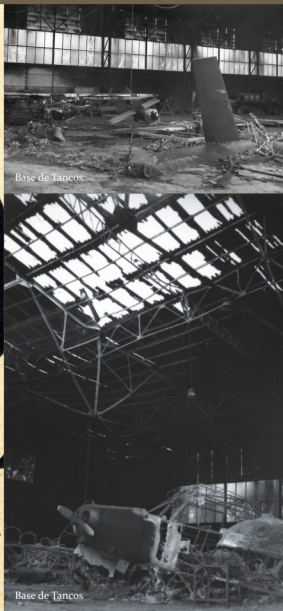
Levaremos bem alto a necessidade duma AMNISTIA PARA TODOS OS PRESOS POLITICOS!

Janeiro de 1960

A COMISSÃO POLÍTICA DO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

A ARA

- Acção Revolucionária Armada



A ARA constituiu-se por decisão do PCP, como organização autónoma, com a sua direcção – o Comando Central, dirigido por Jaime Serra – que seleccionava as acções a emprender e acompanhava a sua preparação e execução.

As acções da ARA visavam apoiar a luta antifascista do povo português, em particular através de acções contra o aparelho colonial fascista.

A primeira acção da ARA realizou-se a 26 de Outubro de 1970, com a colocação de duas cargas explosivas no casco do navio Cunene, então carregado com material militar pronto para seguir para África.

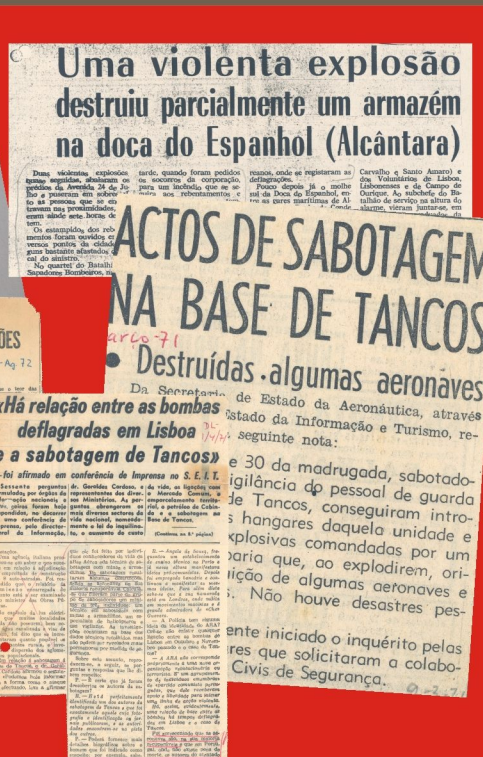
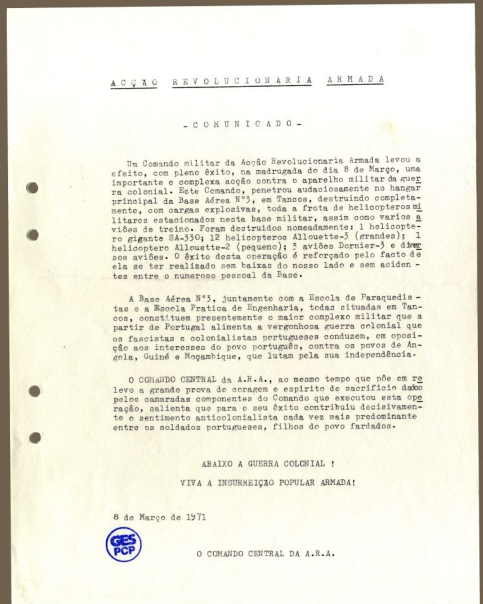
Uma das mais espectaculares acções da ARA foi a destruição de aeronaves na Base de Tancos.

A acção da ARA que destruiu o sistema de comunicações, isolando o país do resto do mundo, quando a NATO estava reunida em Lisboa, teve grande repercussão.

Outras acções tiveram lugar, mas a que envolveu mais meios materiais e humanos foi a destruição, em simultâneo, de vinte torres metálicas das linhas de alta tensão da rede eléctrica nacional.

Em Maio de 1973, a ARA publica um Comunicado anunciando que suspende as suas acções, tendo em conta o desenvolvimento da luta de massas e a preparação das eleições a realizar esse ano.

As acções da ARA contribuíram para aprofundar a crise geral do regime fascista e acelerar a acção revolucionária dos militares de Abril.



E chegou o 25 de Abril de 1974



Com Álvaro Cunhal, Jaime Serra integra a delegação do PCP que se avista, na noite de 30 de Abril, com a Junta de Salvação Nacional.

Jaime Serra era então membro do Comité Central há 22 anos.

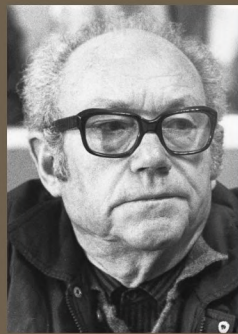
Logo nos primeiros dias de Maio foi encarregue dos contactos com a Junta de Salvação Nacional e com o Movimento das Forças Armadas para tratar de algumas questões, entre elas procurar uma sede entre as muitas instalações das organizações fascistas desmanteladas. É assim que a primeira sede central do PCP se localizou numa antiga instalação da Legião Portuguesa, na Av. António Serpa, em Lisboa.

Como construtor do Portugal de Abril teve uma acção destacada em defesa da Revolução, contra os golpes contra-revolucionários que a quiseram liquidar.

Do VII Congresso (Extraordinário) em Outubro de 1974 até 1988, Jaime Serra foi membro da Comissão Política. De 1988 a 1996 foi membro da Comissão Central de Controlo e Quadros (CCQ) e posteriormente da Comissão Central de Controlo (CCC).

Foi responsável pelas Direcções das Organizações Regionais de Setúbal e das Beiras.

Foi eleito à Assembleia Constituinte pelo círculo eleitoral de Lisboa e deputado à Assembleia da República pelos círculos eleitorais de Setúbal (de 1976 a 1980) e de Coimbra (em 1983 e em 1985).



Jaime Serra Revolucionário convicto e corajoso

Comemorar a vida centenária do comunista Jaime Serra é homenagear uma vida de plena entrega, desde muito jovem, ao seu Partido de sempre – o Partido Comunista Português – à causa da luta libertadora dos trabalhadores e do povo e à luta pelo socialismo e pelo comunismo.

O exemplo de Jaime Serra, quando celebramos os 100 anos do seu nascimento, é fonte inspiradora para as lutas de hoje e de amanhã. O exemplo de um revolucionário comunista que nas condições mais adversas do regime fascista – clandestinidade, prisões e torturas – na Revolução de Abril, na construção do Portugal Democrático e na resistência à contra-revolução, se mostrou sempre corajoso, firme nas suas convicções, confiante na justeza e no triunfo dos ideais do socialismo e do comunismo a que deu o melhor da sua longa vida.

O seu percurso como revolucionário e comunista está ligado e tem a marca da história ímpar de um Partido que, com outros, ajudou a construir, através de um exaltante património de intervenção e de luta ao longo de 100 anos, inteiramente posto ao serviço do povo e da pátria, portador do ideal e do projecto comunistas.



Homenagens a Jaime Serra pelos seus 80.º e 90.º aniversários na Sede Nacional do PCP

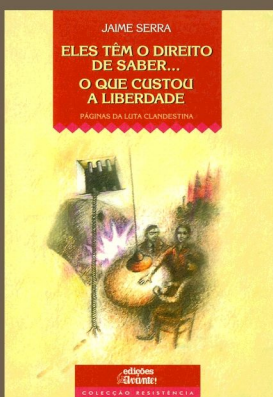


Convocar o exemplo de militante e dirigente comunista de Jaime Serra, é dar força aos combates que temos em mãos pela afirmação de uma alternativa patriótica de esquerda, por uma democracia avançada, por um Portugal soberano e desenvolvido, por uma sociedade livre da exploração do homem pelo homem, o socialismo e o comunismo.



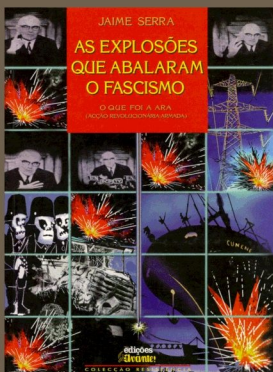
De pé, da esquerda para a direita: Jaime Serra, Sérgio Vilarigues, António Dias Lourenço. Sentados, da esquerda para a direita: Octávio Pato, Álvaro Cunhal, José Vitoriano, Joaquim Gomes, Blanqui Teixeira.

Bibliografia



Eles têm o direito de saber / Edições Avante! / 1997

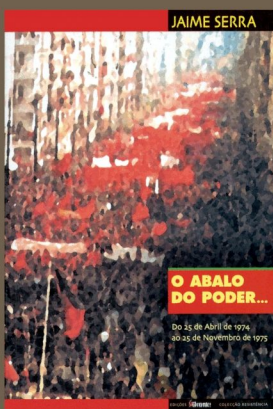
Está por fazer o balanço do que significou a vida clandestina, mesmo para quem nunca esteve preso, com a privação de uma vida familiar normal, à luz dos padrões da nossa sociedade, com a privação do convívio com familiares e amigos, com a privação de um simples espectáculo e até restrição, imposta por razões de segurança, de frequentar um qualquer lugar público mais concorrido, assim como o condicionamento, pelas mesmas razões, da utilização de transportes colectivos. Tudo, naquela época, estava sob rigorosa vigilância e controlo policial. Vulgar, no regime fascista, era a prisão de um qualquer cidadão sob a simples suspeita de hostilizar o Regime, com a violenta separação dos familiares por tempo indeterminado, à sombra das celeradas «medidas de segurança» aplicadas pelos sinistros «Tribunais Plenários» com o pretexto de perigosidade para a segurança do Estado fascista. Muitos milhares de portugueses honestos, homens e mulheres, foram assim sujeitos às maiores violências e torturas morais e físicas simplesmente por amarem a Liberdade e insistirem no direito de lutarem por ela.



As explosões que abalaram o fascismo / Edições Avante! / 1999

A presente edição é uma versão mais completa, ampliada e pormenorizada, do texto sobre a ARA inserido no meu livro *Eles Têm o Direito de Saber* (Edições «Avante!», Lisboa, 1997). Esta iniciativa resultou do facto de numerosos leitores terem manifestado a opinião de que aquele texto sobre a ARA estava demasiado sintetizado, tratando-se de um acontecimento de importância histórica na longa luta contra o fascismo e que tanto impacte teve na vida política nacional nos últimos anos do regime fascista e colonialista derrubado com a Revolução do 25 de Abril de 1974. Os comunicados da ARA, agora também publicados na íntegra e na totalidade, constituem, a nosso ver, documentos de grande interesse para a compreensão da justeza política das suas acções. No que que se refere à descrição de alguns dos mais interessantes episódios destas acções, até agora de conhecimento muito restrito e que aqui se publicam, registamos com apreço a contribuição prestada por Carlos Coutinho, um dos principais intervenientes nestas acções.

Jaime Serra

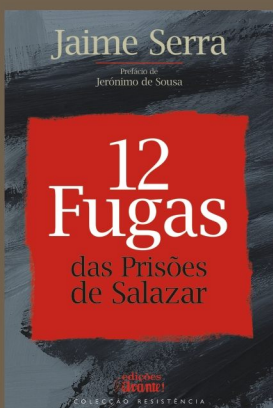


O Abalo do Poder
Edições Avante! / 2001

Neste livro o autor passa em revista os principais acontecimentos deste período tão rico e conturbado do nosso passado recente, opondo-se, com factos e argumentos, às tentativas de deturpação da verdade histórica, hoje tão em voga.



Lançamento do livro «O Abalo do Poder»
CT Vitória PCP / Lisboa



12 Fugas
/ Edições Avante! / 2011

Neste volume, coligido e anotado por Jaime Serra e que conta com um Prefácio de Jerónimo de Sousa, reúnem-se relatos emocionantes, quase sempre feitos pelos intervenientes, de fugas das prisões salazaristas. Descreve-se o tipo de organização que estas fugas exigiam, quer dentro das cadeias, quer no seu exterior, e o insubstituível papel da organização política clandestina que só o PCP conseguiu criar e manter.



Lançamento do livro «12 Fugas»
Museu República e Resistência / Lisboa